

EMILY BARR

A

única

memória

da Flora

Banks

«Extraordinário
e comovente, este é
um livro que nos parte
o coração, mas nos faz
acreditar na vida.»

Daily Mail

TOP
SEL
LER

Para o Craig

Prólogo

Maio

Estou no topo de uma colina e, embora sinta que fiz algo terrível, não faço ideia do que tenha sido.

Há pouco mais de um minuto, ou de uma hora sabia, mas agora desapareceu tudo da minha cabeça e, como não tive tempo de o escrever, estará irremediavelmente perdido para sempre. Sei que preciso de me manter afastada, mas não sei do que me escondo.

Estou no cume de uma montanha, num lugar coberto de gelo e inexplicavelmente bonito. Lá em baixo, num dos lados há uma extensão de água, com dois barcos a remos puxados para cima da margem. Do outro lado não há nada: as montanhas estendem-se até onde a vista alcança. O céu é de um tom de azul mais profundo, o sol resplandecente. O chão está coberto por uma fina camada de neve, mas tenho calor, porque trago vestido um enorme casaco de pelo. Este lugar é luminoso e coberto de neve. Não pode ser real. Estou num local que existe apenas dentro da minha cabeça. É onde me escondo.

Quando olho para trás, vejo que lá em baixo, perto dos barcos, há uma cabana: afastei-me dela e subi a encosta, para fugir ao que está no seu interior. Não devia estar aqui fora sozinha, pois eu sei que há aqui algo de perigoso.

Mas prefiro arriscar no meio da natureza do que encarar o que poderá estar dentro da cabana.

Uma vez que não há árvores aqui, preciso de atravessar o cume antes de me conseguir esconder. Assim que o atravessar, estarei na natureza selvagem. Estarei sozinha com a montanha, com as rochas e com a neve. Ali, de pé, tirei duas pedras suaves do bolso do casaco. Não sei por que motivo faço isto, mas sei que é essencial que o faça. As pedras são pretas e juntas cabem agradavelmente na palma da minha mão. Atiro-as, uma a seguir à outra, com toda a minha força e tão longe quanto consigo. Desaparecem por entre as rochas cobertas de neve e fico satisfeita com isso.

Daqui a pouco já ninguém me conseguirá ver. Vou encontrar um lugar para me esconder e não me vou mexer até me lembrar do que fiz. Não me importa quanto tempo demore. O mais certo é ficar aqui, neste lugar gelado, para o resto da minha vida.

Primeira

Parte

Capítulo Um

A música está demasiado alta, a sala muito cheia e parece que há mais gente nesta casa do que qualquer ser humano pode alguma vez conhecer. A vibração das notas graves trespassa-me o corpo. Já há algum tempo que estou aqui parada a um canto: inspiro profundamente e começo devagar a abrir caminho por entre os desconhecidos.

Olho para a minha mão: *Festa* é o que me diz em letras pretas e grossas.

— Isso vejo eu — digo, embora não saiba por que estou aqui.

O ar está saturado de odores de suor, álcool e perfume, misturados com qualquer coisa enjoativa. Tenho de sair daqui. Quero cheirar a rua. Quero debruçar-me numa balaustrada e olhar para o mar. O mar fica mesmo no exterior desta casa.

— Olá, Flora — alguém me cumprimenta. Não o reconheço. É um rapaz alto e magro, sem cabelo.

— Olá — respondo de volta, com toda a dignidade que consigo invocar. O rapaz está de calças de ganga. Todos os rapazes vestem calças de ganga e a maior parte das raparigas também. Eu, pelo contrário, estou a usar um vestido branco, brilhante, com uma saia rija que fica armada, uns sapatos amarelos que nem sequer são bonitos e que não me servem como deviam.

Imagino que me vesti para o que pensei ser uma festa: agora, destaco-me como aquela que percebeu mal o *dress code*.

Olho para a minha mão. Diz: **Tenho 17 anos**. Volto a olhar por mim abaixo. Pareço uma adolescente, mas não me sinto como tal.

Quando era mais nova, adorava vestir-me para ir a festas. Colocava um vestido de cerimónia, como o que tenho hoje, e as pessoas fartavam-se de me abraçar e dizer que parecia uma princesa. Mas já não sou suficientemente nova para o fazer. Se tivesse uma caneta à mão, escrevia isto no braço para não me esquecer: «Sou mais velha do que julgo». Já não devia usar vestidos de cerimónia, devia usar antes calças de ganga.

— Uma bebida?

O rapaz está a acenar com a cabeça em direção a uma mesa com copos de plástico e garrafas. Olho para o pulso. Diz: **Não bebo álcool**. Toda a gente está a beber o conteúdo destas garrafas. É capaz de ser álcool.

— Sim, por favor — respondo, só para ver o que acontece. A minha mão também me informa que: **O Drake vai-se embora. Namorado da P**. Esta festa está a acontecer, porque alguém se vai embora. O P. é a abreviatura de Paige. O namorado da Paige vai-se embora. Pobre Paige. — Daquela vermelha, por favor. — Hume-deço o dedo e esfrego **Não bebo álcool** até as palavras já não estarem legíveis.

O rapaz alto entrega-me um copo de plástico cheio de vinho até ao rebordo. Ao dar o primeiro gole estremeço, mas segurar num copo com uma bebida alcoólica faz-me sentir como se pertencesse aqui, por isso decido-me a ir procurar a Paige.

Tenho 17 anos. Estou numa festa. O Drake vai-se embora. O Drake é o namorado da Paige.

Uma mulher coloca a mão no meu braço e detém-me. Viro-me para olhar para ela. Tem o cabelo louro muito claro, com um corte escadeado e consigo perceber que é muito mais velha do que

o resto das pessoas que aqui estão, porque tem rugas no rosto. É a mãe da Paige. Não sei porquê, mas ela não gosta de mim.

— Flora — grita, para se fazer ouvir por cima da música. Está a sorrir com a boca, mas o sorriso não lhe chega aos olhos. Devolve-lhe um sorriso igual. — Flora. Estás aqui e estás bem.

— Sim — grito, assentindo vigorosamente com a cabeça.

— Bem, vou informar a tua mãe do facto. Ela ainda só me enviou três mensagens a perguntar por ti.

— Está bem — digo.

— O Dave e eu vamos sair agora. Ficas bem? Sei que precisas sempre de uma babysitter.

Está a ser um bocadinho má.

— Sim, claro que fico.

Olha para mim durante algum tempo, depois vira costas e vai-se embora. Esta mulher é a mãe da Paige e estou na casa dela.

A música para e suspiro de alívio. Estava em altos berros. Mas uma nova música começa a tocar de imediato e agora as pessoas à minha volta estão a saltar e a dançar daquela maneira que jamais serei capaz de imitar. Estão claramente satisfeitas com a música nova e mais mexida.

— Põe os Pixies outra vez! — Grita alguém mesmo junto ao meu ouvido. Com o susto, dou um salto e entorno o vinho tinto sobre o vestido. Parece sangue.

Uma rapariga recua e pisa-me o pé. Tem o cabelo muito curto, uns brincos enormes e batom claro e esborratado nos lábios, que faz com que a boca pareça uma ferida aberta.

— Oh, desculpa — diz, voltando à sua conversa.

Tenho de me ir embora. Tenho de sair daqui. As festas não são o que julguei, com vestidos, jogos e bolo. Não estou a ver a Paige: não tenho mais ninguém com quem falar.

Estou a caminho da porta, do aroma do mar e da ausência de música, e na direção da minha própria casa, quando alguma coisa

faz um som agudo e um «shhh» se espalha pela sala. As conversas acalmam e eu paro de andar. A seguir viro a cara na direção para onde todos estão a olhar.

Ele está de pé em cima de uma cadeira. É o Drake. O Drake é o namorado da Paige, que é a minha melhor amiga. Com a Paige estou em segurança; conheci-a quando tínhamos quatro anos e estávamos a começar o jardim de infância. Ela trazia o cabelo apinhado em tranças, eu também, e estávamos as duas nervosas. Lembro-me dos jogos que costumávamos jogar no recreio. Lembro-me que aprendemos a ler ao lado uma da outra: eu já sabia ler melhor e ajudei-a. À medida que crescíamos, ajudava-a com os trabalhos de casa e ela escrevia pequenas peças de teatro para representarmos ou descobria árvores que podíamos subir. Lembro-me de começarmos o último ano da escola primária juntas, muito entusiasmadas por em breve irmos para a escola secundária.

Conheço a Paige e, quando olho para ela, fico surpreendida ao constatar que é uma adulta. Isto significa que o Drake é mesmo o seu namorado de verdade.

Reparo que ele tem o cabelo escuro e óculos de armação preta. Está vestido com calças de ganga, como toda a gente naquela festa. Não o reconheço.

Ele passa os olhos pela multidão: quando os nossos olhos se cruzam, sorri-me por instantes e desvia o olhar. Isto quer dizer que nos conhecemos, apesar de não o reconhecer. Ao pé da cadeira do Drake e a olhar intensamente para ele está uma rapariga de cabelo louro. Está demasiado próxima. Acho que já a vi antes. Ela não devia estar a olhar para ele desta maneira, não se ele for o namorado da Paige.

— Então, obrigado malta, por, vocês sabem, por terem vindo — diz, para a sala cheia de gente. — Não esperava que me fizessem uma festa de verdade. Quero dizer, só estive na cidade durante, sei lá, uns cinco minutos. Ou cinco meses, para ser mais

preciso. Foi fantástico ficar com a tia Kate e o tio Jon e nunca esperei fazer um monte de amigos novos enquanto cá estivesse. Pensava que a Cornualha era apenas um pequeno destacamento de Londres e que ia andar em autocarros de dois andares e, enfim, vocês sabem, comer a terrível comida britânica e transformar-me num hooligan de futebol. Em vez disso, passei os melhores dias da minha vida. Não deixem de me dar notícias. Se algum de vocês quiser visitar-me em Svalbard e conhecer a paisagem mais maravilhosa da Terra, força. O meu sonho era viver lá para *sempre* e tenho muita sorte por ter essa oportunidade. Mas isto não significa que viver na Cornualha não foi espantoso, porque foi.

Atrás de mim, alguém murmura baixinho:

— Ele devia insistir *mais* um bocadinho nas ditas maravilhas do Ártico. — E outra pessoa desata a rir.

Tenho um telemóvel na mão. Uso-o para lhe tirar uma fotografia, para me lembrar por que motivo estou aqui. Não sei o que Svalbard significa. É uma palavra estranha. Mas consigo perceber que ela gosta dessa palavra.

Bebo o resto do vinho, que continua a saber terrivelmente mal e olho ao redor à procura de mais. Sinto-me bastante enjoada.

— Claro que — continua ele —, enquanto aqui estive, tive a sorte de conhecer a maravilhosa Paige. — Faz uma pausa e sorri; a seguir, fica um pouco corado.

— Que é areia a mais para o teu camião — fala alguém atrás de mim, provocando um riso abafado na multidão, em sinal de concordância.

— E foi através dela — continua o Drake —, que conheci muitos de vocês, malta maravilhosa. Vou ter saudades vossas. Bem. Obrigado a todos. Depois publico as fotografias da neve no *Facebook* para vocês verem. Acho que é tudo. Ah, obrigado à Paige, à Yvonne e ao Dave por nos deixarem invadir a vossa casa, quando na verdade

planeei fazer a despedida no bar. Agora, continuem a beber e tentem não dar cabo de nada.

Segue-se uma breve ronda de aplausos enquanto o Drake desce da cadeira um pouco constrangido, mas estes são aplausos abafados, já que todos estão de copo na mão e batem as palmas sem na verdade fazer grande barulho.

Tento reconstruir o que ele acabou de dizer.

O Drake vai-se embora. Vai para um sítio com neve e parece entusiasmado com isso. Esteve aqui em Penzance durante cinco meses e ficou na casa da tia Kate e do tio Jon. A Paige organizou esta festa para ele.

A Paige está a um canto, com um grupo de pessoas à sua volta. Olha para cima e, com um simples movimento das sobrancelhas, pergunta-me se está tudo bem. Assinto brevemente com a cabeça, para lhe dizer que sim, está tudo bem.

A Paige é linda, com cabelo preto comprido, forte e ligeiramente encaracolado; a pele dela é suave e, quando se ri, faz covinhas no rosto. Parece uma boneca de porcelana. Hoje está com um vestido azul brilhante, curto e justo, por cima de meias opacas e botas grossas. E eu aqui, com o estúpido do vestido «de festa» branco. Puxo por ele e olho para os sapatos horríveis que trago calçados e sinto-me completamente deslocada.

Questiono-me como será a minha imagem ao espelho. Não vejo espelhos em lado nenhum.

Tenho uma pequena inscrição no interior do meu braço. Diz, *Amanhã, cinema com a Paige. Anima-a.*

Volto a encher o copo de plástico com vinho tinto e saio pela porta das traseiras tão sub-repticiamente quanto possível, como se alguém reparasse ou se importante que me fosse embora. O ar fresco bate-me no rosto e o mar enche os meus ouvidos e os pulmões. Fecho os olhos durante alguns segundos. Ainda bem que já não estou lá dentro.

Estou no meio da estrada e é de noite. Olho ao redor, a tentar perceber o que se passa. Há uma linha branca por baixo dos meus pés. Estou exatamente no meio da estrada. Um carro aproxima-se velozmente na minha direção e apita-me. Fico a olhar para os faróis à medida que se aproximam, mas o carro desvia-se e continua o seu caminho, ainda a buzinar enquanto desaparece ao longe.

Não devia estar na rua sozinha. Não devia andar no meio da estrada. Só há pouco tempo tive permissão para começar a atravessar a estrada sem o acompanhamento de um adulto. Por que motivo estou aqui de noite? Por que estou sozinha? Onde está a minha mãe?

Estou com um vestido branco e uns sapatos amarelos estranhos. O vestido tem uma nódoa vermelha na parte da frente, mas quando lhe toco, não me dói nada. Tenho na mão um copo de plástico cheio de *Ribena*. Entornei um pouco dele sobre a linha branca do chão.

Tenho dez anos. Não sei por que razão estou enfiada no corpo de um adulto. Detesto-o e quero voltar para casa. Corro pelo resto da estrada e percebo que estou no passeio em frente ao mar. Ouço música a vir de algum lado. Debruço-me no parapeito enquanto tento não entrar em pânico.

Bebo um gole do copo e estremeço. Isto não é *Ribena*, mas o sabor horrível é-me familiar, por isso já devia estar a beber antes.

Olho para a mão. Tem escrito *Flora*, sou eu. Estas marcas na minha mão soletram o meu nome. Agarro-me a este facto. Sou a *Flora*. Por baixo desta palavra, mais duas: *Sê corajosa*. Fecho os olhos, inspiro profundamente e recomponho-me. Não sei porque estou aqui, mas vai correr tudo bem.

Tenho 17 anos, leio.

A outra mão diz: *FESTA* e o *Drake vai-se embora. O namorado da P*. Há mais qualquer coisa, mas está esborratado e não consigo ler. No outro braço vejo: *Amanhã, cinema com a Paige. Anima-a*.

E no pulso: *Mãe & Pai: Morrah Gardens, número 3*.

Sei quem é a Paige. É a minha melhor amiga. Conheci-a com quatro anos, quando fomos para a escola. O Drake é o namorado dela, mas como se vai embora, a Paige precisa que a anime.

Sei que tenho pais e sei onde moro. Moro em Morrab Gardens, no número 3. Preciso de ir para casa e é exatamente isso que vou fazer. Tenho uma sensação invulgar no interior da minha cabeça. Sinto-me tonta.

Fito o reflexo irregular da lua sobre o mar. Há um cartaz preso ao corrimão. Lê-se: «Gato desaparecido. Um gato branco e preto, sem orelhas. Desaparecido desde terça-feira. Se alguém o viu, pode ligar para o número de telefone». Tiro uma fotografia ao cartaz, depois tiro outra e ainda uma terceira. Não gosto da ideia de um gato branco e preto, sem orelhas, andar por aí perdido. Não vai conseguir ouvir o trânsito. Tenho de o procurar.

Viro o telemóvel e tiro uma fotografia ao meu rosto. Quando olho para a fotografia, vejo que o meu rosto é diferente. Sou mais velha do que devia. Não tenho dez anos.

Havia uma festa. O Drake vai-se embora. A Paige está triste. Tenho 17 anos. Preciso de ser corajosa.

A água é negra; é uma imensidão de negro que se estende pela noite fora. O reflexo da lua cintila na escuridão. A esplanada brilhante situa-se onde a terra se acaba.

Penso se devo descer até à praia e estragar estes estranhos sapatos amarelos, de que não sei se gosto ou não, caminhando pelas pedras cobertas de musgo e enterrando-os por entre a fria areia molhada.

Podia sentar-me ali a beber o resto do líquido vermelho do copo e a observar a água durante mais algum tempo. Desço cuidadosamente alguns degraus que já estão gastos e têm uma cova no meio, e caminho pelas pedras. Afinal, os tacões não se enterram. A areia

é mais rija do que parece. Encontro um sítio para me sentar e fico a olhar para a água.

As ondas embatem ruidosamente nas rochas e ouço passos a aproximarem-se de mim. Não olho para trás. A seguir, alguém se senta ao meu lado.

— Flora — diz o rapaz com um grande sorriso. Fica sentado ao meu lado em cima das pedras. Os nossos ombros estão encostados. — Isso é vinho, não é? — Tira-me o copo da mão e bebe um gole. Olho para ele. Tem óculos, cabelo escuro e está de calças de ganga.

Afasto-me ligeiramente.

— Sou eu, o Drake — diz. — Está tudo bem, Flora?

— És o Drake?

— Sou. Oh, pois é. Já estou a ver o que aconteceu. Não há problema, Flora. Eu conheço-te há meses. Fui namorado da Paige.

Não sei bem o que lhe dizer.

— Não há problema, a sério. Mas estás a beber vinho? Nem parece teu.

Quero dizer alguma coisa, mas não tenho palavras absolutamente nenhuma. Quero pelo menos tentar parecer normal. Este é o Drake. Ele estava na festa e agora está na praia.

— O que estás a fazer aqui? — pergunto. — Aqui, na praia?

Olho para as palavras da minha mão esquerda. Mal as consigo ver à luz do candeeiro de rua atrás de nós. *O Drake vai-se embora*, diz-me novamente a mão esquerda. As palavras por baixo não se conseguem ler. A mão direita volta a recordar-me para ser corajosa.

Ele pega na minha mão esquerda e lê. Sinto a mão dele quente contra a minha.

— *O Drake vai-se embora* — lê. — *O namorado da P.* — Ficamos a fitar as palavras. — *Flora, sê corajosa* — diz ele, lendo a outra mão. — Adoro as coisas que escreves nas mãos. Resultam? Ajudam-te a lembrar das coisas?

Está a segurar nas minhas mãos.

Ele disse «Fui namorado da Paige».

Não sei por que motivo está aqui comigo. Ele vai-se embora. Vai para outro lado qualquer.

A noite arrefeceu e agora sopra um vento gelado vindo do mar que me bate no rosto.

— Como é que vai ser? O sítio para onde vais? — Falo depressa, porque me sinto desconfortável.

Ele continua a segurar-me nas mãos. Gosto da sensação de calor que me transmitem. Percebo pela expressão dos olhos dele que já devia saber a resposta à minha própria pergunta.

— Vai ser fantástico — responde. — Frio. Só lá estive uma vez. E foi, tipo, há muito tempo. Fomos de férias para Svalbard para ver o sol da meia-noite. Tinha dez anos e desde essa altura que quero ir para lá viver. Agora, nove anos depois, vou finalmente mudar-me para lá. Vai ser épico. — Suspira. — O meu curso é dado em inglês, porque há lá gente de todas as partes do mundo. O que é uma grande sorte para mim, claro, porque sou uma nódoa a línguas.

Ele mexe-se ligeiramente e ficamos encostados. Larga-me a mão esquerda e segura-me na direita com mais força.

É impossível concentrar-me no que o Drake está a dizer porque toda a pele do meu corpo ganhou vida própria. Tornou-se hipersensível e a única coisa que deseja é que ele toque cada centímetro de pele de todo o meu corpo.

Ele é o namorado da Paige e não sei o que está aqui a fazer.

— Sorte a tua —, consigo dizer. Uma vez que não tenho nada a perder, apoio a cabeça no ombro dele. — Tens 19 anos. Eu tenho 17. — Parece-me importante recordar este facto. Afasto a cabeça, porque ele é o namorado da minha amiga.

O Drake estende os braços e coloca o esquerdo em volta do meu corpo, puxando-me a cabeça para o ombro. Encosto-me e sinto o seu braço a contornar-me o corpo.

— Eu e a Paige acabámos — diz.

Vira o rosto para mim e eu viro o meu para ele. Quando os lábios dele tocam nos meus, sei que isto é a única coisa no mundo que posso fazer.

Os carros passam na estrada por cima de nós. As ondas quebram-se muito perto dos nossos pés. Estou a beijar o Drake. Quero ficar aqui sentada na praia, com ele, para sempre. Não faço ideia como ou porquê isto está a acontecer, mas sei que é a única coisa boa que alguma vez me aconteceu na vida. As luzes cintilam. O resto do mundo desaparece.

Consigo voltar mais uma vez para a realidade. Ao longe, uma onda quebra-se sobre a areia e o vento sopra-me o cabelo um pouco por todo o lado.

— Ei — diz ele. — Ouve. Apetece-te ir comigo para outro lado qualquer? Assim, agora? Podíamos passar a noite...

Fito-o. Podíamos passar a noite. Todas as fibras do meu corpo se tornam tensas. Quero passar a noite com ele. Não faço a menor ideia do que devia fazer. Ele quer que passe a noite com ele. A noite. Esta noite.

Tenho de ir para casa.

— Mas a minha mãe — começo por dizer. Olhamos fixamente um para o outro e não consigo acabar a frase. Não consigo desviar os olhos dos dele. Debruço-me para o beijar novamente, mas ele recua.

— A tua mãe — diz. — Oh, Deus. Desculpa. Foi uma ideia terrível. Quero dizer. O que diabo estou a... não era a minha intenção.

Para de falar. Como não consigo dizer nada, limito-me a assentir. Ele está a olhar para mim com uma expressão que é difícil de interpretar.

— Por mim tudo bem — respondo.

— Oh, desculpa. Eu... eu nunca...

Pego numa madeixa de cabelo e coloco-a na boca. Não sou capaz de acabar uma frase. Quero dizer-lhe que nunca esperei que

uma coisa destas acontecesse. Que tenho a certeza de que nunca aconteceu antes. Que estou confusa e ainda a tentar puxar-me para o momento presente. Que o vou amar para sempre por me fazer sentir normal. Que adorava passar a noite com ele. Porém, não posso ser tão desleal para com a minha amiga; e não posso ficar a noite toda fora de casa, não posso, simplesmente.

— Ela ia chamar a polícia — acrescento, ainda a pensar na minha mãe.

— A polícia. Jesus. Sou mesmo um *idiota*. Esquece o que eu disse.

Os pelos dos meus braços levantam-se com o frio. O mar está bravo, o vento forte e a lua e as estrelas desapareceram por trás das nuvens. O céu está tão inexpressivo como o mar.

— O que se passa é o seguinte — diz o Drake —, e posso dizer isto porque, que diabo, porque não? De qualquer maneira, não te vais lembrar. Já estive no bar contigo e com a Paige, tipo, a olhar para ti, toda bonita e loira e diferente de todas as raparigas deste mundo, e questionei-me muitas vezes sobre como seria estar contigo. Tu és tão diferente. E tens sempre um sorriso para me dar. Quero cuidar de ti e ouvir o que tens para dizer, porque são coisas diferentes das que as outras pessoas dizem. — Segura-me o rosto entre as mãos. — Ficas bem, Flora?

Assinto. Quero escrever imediatamente que o beijei, neste preciso instante. Mas seria estranho escrevinhar o braço enquanto ele ainda está a falar. Quero escrever que ele quis levar-me para um sítio qualquer para passar a noite. Não me quero esquecer disto. Podia ter uma noite de gente normal, como um adulto.

— Fico ótima — respondo. — Ouve. Se formos a algum lado agora, acho que posso. Tenho a certeza de que posso. E fico ótima.

— Não. Desculpa. Estive mal. Não podemos. Mas, sabes o que mais? Talvez possamos manter-nos em contacto. Só... para eu saber que estás bem? Vais fazer isso, não vais?

— Manter contacto. — Quero beijá-lo novamente. Quero que ele continue a beijar-me. Agora que nos beijámos, quero apagar tudo o que existe no mundo à nossa volta até não restar mais nada a não ser o Drake, eu e esta praia.

A água está mais próxima, por isso vamos recuando na praia cada vez mais pequena. Ele inspira profundamente e aperta-me a mão com mais força.

— Flora Banks — diz. — Cuida bem de ti. Não contes isto à Paige. Não contes à tua mãe. Não escrevas na mão. — Pega numa pedra da praia e segura-a na palma da mão. É uma pedra pequena, suave. Mesmo ao luar, consigo perceber que é perfeitamente preta, embora a maior parte das pedras desta praia sejam cinzentas, cor de ardósia.

— Toma — diz. — Esta pedra é para ti.

Coloca a pedra na palma da minha mão e fecha-me os dedos sobre ela.

— Vou guardá-la para sempre — digo-lhe.

Levantamo-nos os dois. Estou gelada, estrangida e confusa. Quero rastejar para a minha cama e reviver estes momentos para sempre. Estamos de pé e espreguiçamo-nos, a olhar um para o outro.

— Bem — diz ele. — Bem, eu... Oh, hoje não posso voltar para casa da Paige. Não agora. Vou para casa e de manhã vou-me embora de mansinho.

Volta a beijar-me nos lábios. Encosto-me a ele e sinto os braços em volta do meu corpo. Sei que nunca mais vou voltar a sentir-me assim.

— Queres que te acompanhe até casa? — pergunta, mas abano a cabeça. Fico na praia a vê-lo ir-se embora. O Drake chega ao cimo dos degraus, de volta ao mundo real. Depois para e diz-me adeus, antes de sair da minha vida para sempre.

Beije o homem dos meus sonhos. E ele vai para um sítio longínquo e gelado, onde o sol brilha à meia-noite. Levanto os olhos para o céu negro.

Quando chego a casa, a minha mãe está à minha espera, de roupão, com o cabelo solto sobre as costas e uma chávena de chá na mão. Dá-me um beijo no rosto e observa-me de alto a baixo.

— Divertiste-te? — pergunta.

— Sim.

— Estiveste a beber.

— Um bocadinho só.

— Olha para a nódoa no teu vestido. Bem, não importa. Correu tudo bem?

Sorrio amplamente à minha mãe.

— Sim. Na verdade, foi maravilhoso, obrigada. Foi completa e absolutamente maravilhoso.

— Ainda bem. A Paige trouxe-te a casa?

— Trouxe.

— Ótimo. Então podes devolver-me os sapatos.

Tiro os sapatos e subo as escadas. Uma vez no quarto, visto o meu pijama e escrevo cada detalhe do meu encontro com o Drake. Escrevo nas últimas páginas de um caderno de apontamentos antigo, para a minha mãe não ver e escondo o caderno por baixo de outras coisas, dentro de uma caixa que guardo debaixo da cama. Escrevo um post-it para me lembrar de que está lá e de manhã, quando acordo, a primeira coisa que faço é ler e reler o que escrevi.

Li, mas não preciso de o fazer, porque me lembro de tudo.

A pedra preta continua na minha mesa de cabeceira. E consigo lembrar-me. Tenho 17 anos.

Capítulo Dois

— Beijaste-o! — A Paige não está a gritar, mas seria melhor se estivesse. Está bastante furiosa. Fita-me novamente com esta expressão intensa nos olhos e repete: — Beijaste-o. *Sei* que o beijaste. Não te vais lembrar, mas foi o que fizeste e sei disso porque...

A minha cabeça está a ecoar e não consigo concentrar-me nas suas palavras. Sei bem do que está a falar. Sei que está zangada. E sei que tem todo o direito de estar zangada. Está a dizer palavras, mas não as oiço. Obrigo-me a olhar para ela. Obrigo-me a concentrar-me novamente.

A Paige está a respirar fundo.

— E escreveste sobre isso! — Um dos meus post-its está na mão dela, por isso, como é evidente, não posso fazer de conta que não se passou nada. As palavras estão ali, escritas pela minha mão e ela sabe que só tomo notas dos factos. A Paige sabe que isto é real.

Eu também sei que é real. Consigo lembrar-me. Lembro-me de coisas que se passaram antes de estar doente e agora lembro-me de ter beijado o Drake. Agora já sei que não sou uma menina pequena, porque beijei um rapaz na praia e ele me pediu que passasse a noite com ele. Não tenho dez anos. Tenho 17.

Lembro-me do que aconteceu. A pedra, o Drake ou o amor fazem-me lembrar. Talvez seja isso mesmo, talvez esteja apaixonada.

Não posso negar o que aconteceu. Lembro-me de beijar o Drake. Pode ter resolvido o problema da minha memória, embora continue sem me lembrar do resto das coisas que aconteceram depois dos meus dez anos. Olho para o papel que a Paige tem na mão e vejo que escrevi as palavras na letra mais pequena que consegui desenhar nas margens de um papelinho amarelo. No meio do papel diz *comprar leite*, com uma letra grossa. Junto às margens, com uma letra minúscula, escrevi: *Beije o Drake. Amo o Drake*. Continuo a dar por mim a fitar estas palavras. Estou maravilhada pelo facto de isto ter acontecido. Deixa-me feliz e dá-me vontade de chorar.

Estou à espera de me esquecer, mas até agora consigo lembrar-me. Estava sentada na praia e ele veio ter comigo, sentou-se ao meu lado e beijámo-nos.

Esta é a única memória clara que guardo na cabeça, sem contar com as que tenho do tempo antes de ter adoecido. Agarro-me a ela, desejando que se mantenha, e procuro viver dentro dela tanto quanto possível. Adoro esta memória. Preciso de a guardar para sempre. Se me conseguir lembrar disto, também vou conseguir lembrar-me de outras coisas. O beijo do Drake vai ser a minha cura. Muito em breve, vou lembrar-me de outra coisa qualquer, ainda que tenha esperanças que não seja desta conversa em particular.

A Paige está com o papel na mão e fita-me com uma expressão de ódio tão profundo que não tenho outro remédio senão olhar para o chão. Estamos num café, num «salão de chá» amoroso em Market Jew Street, à espera que o bule de chá chegue. Depois de lanchar, íamos fazer outras coisas. A Paige encontrou o papel porque me sentei e peguei no telemóvel para enviar uma mensagem à minha mãe, para lhe dizer que já tinha chegado. Uma série de folhinhas amarelas caiu da minha mala. A Paige debruçou-se para as apanhar e eu já me tinha esquecido que podia haver ali alguma que não queria que ela visse.

Tinha-me esquecido. Evidentemente. Lembro-me do beijo, mas esqueci-me que escrevi sobre ele.

Ela viu o nome dele na margem de uma folhinha que apanhei e tirou-ma da mão. Agora está a olhar para mim.

— *Amas* o Drake? — pergunta. — Não só o beijaste — e faço ideia de quantas vezes isto já aconteceu como contigo — como acreditas que o *amas* de verdade? Bem, disso é que eu não estava mesmo à espera.

Não sei o que responder-lhe. Sei que o amo, mas não quero que a Paige saiba como a noite passada me fez sentir apaixonada. Ainda assim, fiz que sim com a cabeça.

— E beijaste-o mesmo. Admite. Sei que o beijaste. Sei com 100% de certeza.

Olho fixamente para o chão, que parece de madeira, mas não é. Depois viro a cara à Paige e olho para as pessoas que estão numa mesa maior, aqui ao lado. São uma família: dois adultos e duas crianças; os adultos estão a ler o jornal e as crianças aos pontapés por baixo da mesa; todos vestem calças de ganga e camisolas polares.

— Ele foi à praia — afirma a Paige calmamente. — E já não voltou. Passaste a noite toda com ele.

— Não passei nada! Fui para casa. Podes perguntar à minha mãe, Paige. E lembro-me de tudo!

Lembro-me que ele me pediu que passasse a noite com ele, mas não vou contar esta parte à Paige.

— Não podes lembrar-te, Flora. E a tua mãe ia dar-te cobertura. Se levaste o Drake para casa e ficaram muito aninhados na tua cama de solteira e depois, quando a manhã chegou, ele se foi embora... A tua mãe não me contaria nada, porque não quer que percas a única amiga que tens no mundo inteiro. E já agora, podes ligar-lhe e dizer-lhe que mudei de ideias em relação ao pequeno favor que me pediu. — Só concordei para ela me desimpedir o telemóvel. — Diz-lhe que podem levar-te com eles.

— Não! — Sinto-me inundada por uma onda de pânico. — Não, a sério que não, Paige! Ficámos sentados na praia. E beijámo-nos, sim. Desculpa. A seguir fui para casa e ele foi... Não sei para onde ele foi. Desculpa, Paige. Não foi propositado. Mas lembro-me de tudo. Lembro-me mesmo, aqui dentro da minha cabeça.

Não faço ideia em que consiste o *pequeno favor*. Mas também não é o momento indicado para perguntar. O mais certo é já mo terem dito 12 000 vezes.

— Não foi propositado? Jesus. E, Flora, não me digas que te lembras. Sei bem que não te lembras de nada.

— Não, não foi *propositado*. Não estava à espera que acontecesse. O que não quer dizer que não o quisesse. E lembro-me, sim. Não sei porquê, mas...

— Tu amas o Drake — interrompe-me.

Encolho os ombros, envergonhada.

— Correção: registaste a tua pequena história de amor e a cada par de horas, quando te esqueces de tudo, voltas a lê-la e a convencer-te de que o amas. É patético. Principalmente da parte dele. Podes ficar com ele à vontade, se é esse o tipo de comportamento que esperas de um namorado. Tanto quanto sei, e tanto quanto tu sabes, ele pode ter-te seduzido repetidamente nos últimos meses. Que bonito. Vai ser uma pessoa muito útil na tua vida, quando estiver lá no Polo Norte. Podes ficar com o meu namorado, mas ele vai-se embora. — Faz uma pausa para inspirar profundamente. — Olha, sabes o que mais? Estes anos todos, tenho sido a única pessoa a olhar por ti. Saí contigo quando por vontade da tua mãe terias ficado em casa embrulhada em algodão. Levei-te ao cinema. Levei-te às aulas de zumba. Levei-te aos treinos de remo durante um ano inteiro. Olhei mais por ti do que a tua tutora nos dias em que foste à escola. De cada vez que te esqueces de onde estás, eu ajudo-te. A minha mãe sempre detestou que o fizesse. Disse que eu não devia ser a tua cuidadora.

Mas claro, fica lá com o meu namorado. E isto vale o que vale, mas...

Para de falar enquanto a empregada de mesa, que tem um ar entediado, aparece com o nosso chá num tabuleiro redondo. Demora imenso tempo a pousar uma chávena à frente de cada uma, um pequeno jarro de leite entre nós, uma taça com pacotes de açúcar e, finalmente, um bule azul brilhante.

Nenhuma de nós fala ou olha para a outra enquanto ela ali está. No fim, a Paige dirige-lhe um «obrigada» contraído.

Sirvo o chá, primeiro para ela. A Paige observa e a minha mão estremece, há pingos de chá a cair em cima da mesa, a formar uma poça e a escorrer em direção à beira da mesa. Ela nem se mexe, por isso acabo de servir o chá e levanto-me para ir ao balcão buscar uma mão cheia de guardanapos para limpar o chá antes que caia para o chão.

A Paige não segura na chávena. Está vestida com umas calças pretas brilhantes e uma t-shirt apertada com um decote redondo. O cabelo está apanhado atrás da cabeça e tem um batom brilhante nos lábios. Na minha mão diz que vamos ao cinema. O mais certo era ela falar do Drake e de como sente a sua falta.

Agora já não íamos voltar a fazer nenhuma destas coisas; nunca mais.

A Paige inspira profundamente e recomeça a falar do ponto em que parou.

— Isto vale o que vale, mas sempre soube que tinhas um fraquinho por ele. Conseguia ver perfeitamente. Não há ninguém mais transparente do que tu, Flora. Nunca imaginei que ele fosse tirar partido disso e só Deus sabe quantas vezes já aconteceu. Não fazia ideia de que ele também reparou em ti, além do interesse que sempre teve pelo teu historial médico — nunca soubeste nem metade. *Isto vale o que vale*, mas não há nada que me possas dizer que seja capaz de me convencer de que não fizeste sexo com ele. Nada. *Isto*

vale o que vale, mas não consigo acreditar que o fizeste. Com o meu namorado. *Meu*. Sei que te vais esquecer do Drake, porque não o conhecias antes da tua suposta doença, mas tinhas o nome dele escrito na tua mão e dizia lá que era o meu namorado. Sei bem — acena com o papel no ar — que achas que estás apaixonada por ele. Estiveste secretamente apaixonada por ele durante este tempo todo?

Tento abanar a cabeça, mas não sou capaz de o fazer.

— Não sei — respondo. A minha voz é baixa e trémula. — Não me lembro.

— Ei. Não faz mal. — A Paige está a sorrir e a olhar diretamente para os meus olhos. — Escreveste uma história de amor arrebatadora e maravilhosa, que te faz sentir menos infantil. Já não é segredo nenhum e podes até atualizar a tua pequena e tola anotação. Olha, até o faço por ti.

Estende a mão aberta e empurro os post-its vazios pela mesa. Ela tira uma caneta da mala e começa a escrever, inicialmente na minha folha original, mas depois escreve numa nova folha, depois em duas e por fim numa terceira. À medida que acaba de as escrever, cola-as em cima da mesa, à minha frente. Quando acaba, pega na mala e vai-se embora. Nem sequer tocou no chá.

Quando abre a porta, para e olha para trás, para mim. Olho para ela também. A Paige abre a boca como se fosse dizer alguma coisa. Começo a levantar-me, mas ela abana a cabeça e vai-se embora. A porta fecha-se atrás dela com um estrondo.

Em vez de sair, leio os quadrados de papel amarelos. As palavras *comprar leite* estão riscadas. Agora lê-se:

Beije o Drake. Amo o Drake. Isto NÃO é nenhum segredo. Preciso de arranjar uma nova melhor amiga.

O segundo diz: *A Paige nunca mais vai falar comigo. Lembra-te de não a contactares, nunca mais.*

O terceiro post-it tem escrito: **NUNCA MAIS LIGUES OU MANDES MENSAGENS À PAIGE.**

Bebo o meu chá enquanto olho fixamente para as palavras. A pedra está no meu bolso, a cuidar de mim traiçoeiramente.

— Mas eu lembro-me — digo, para o lugar onde a Paige estava sentada. — Lembro-me.

Quando chego a casa pressinto um frenesim e a discussão com a Paige ainda me inunda a cabeça. Mesmo do lado de dentro da porta está uma mala de viagem. A minha mãe não está à janela à espera que chegue. Consigo ouvir passos no piso de cima. Tudo me parece agitado e diferente.

— Olá? — Chamo, enquanto descalço os sapatos. Questiono-me se a mala quer dizer que alguém está a chegar ou a ir embora. Talvez o Drake esteja aqui. Talvez estejamos a viajar para qualquer lado.

Vou buscar a publicidade que veio no correio e que aterrou no tapete da entrada. Há um menu de pizzas e um folheto sobre a época de verão em Flambards. Flambards é um sítio com montanhas-russas, helicópteros a pedais e rotundas. Quero ir lá. Guardo o folheto no bolso de trás, onde já tenho a pedra.

Estou ansiosa por dizer aos meus pais que tenho uma memória, mas não lhes posso contar que beijei o namorado da Paige. No entanto, há alguma coisa a acontecer aqui em casa e tenho receio que a Paige lhes tenha ligado e contado o meu segredo. Talvez já saibam de tudo e estejam a preparar-se para me mandarem embora.

O meu pai desce as escadas, dois degraus de cada vez.

— Flora! — Exclama. Vira-se para trás nas escadas. — Annie!
— Grita. — É a Flora! — Depois vira-se novamente para mim.
— Vamos buscar a tua mãe.

O meu pai é engraçado e amoroso. Trabalha como contabilista, mas em casa, quando estamos só nós, usa camisolas de malha

com padrões que ele mesmo tricota. Quando a minha mãe não o penteia para baixo, o cabelo do meu pai fica espetado no ar. Diz coisas muito engraçadas. Sei que faria qualquer coisa por mim e eu também faria o mesmo por ele, isto se eu fosse capaz de fazer o que quer que fosse. Quando vejo o meu pai, tudo nele me inunda de alívio. O meu pai é o meu porto seguro.

Neste momento está com um ar preocupado. Verifico as minhas mãos e os braços, questionando-me de que detalhe importante me terei esquecido.

— Vamos mudar de casa? — Arrisco.

Ele sorri-me levemente.

— Não, não, querida, não vamos mudar de casa. Annie!

A minha mãe precipita-se pelas escadas abaixo, quase caindo em cima de nós. O casaco de malha comprido arrasta-se atrás dela e o cabelo está com um aspeto selvagem e frisado.

— Flora, querida — diz a minha mãe. — Oh, Flora, querida. Como está a Paige? Tudo bem? Porque não bebemos uma chávena de chá?

Olha para os meus braços e estendo-os para lhe mostrar que não há nada de novo. Os bilhetes amarelos da Paige estão na mala e fico aliviadíssima por os meus pais não saberem nada sobre o Drake. Iam entrar em pânico e tentar falar com a Paige e acalmar a situação como se eu fosse uma criança pequena, incapaz de assumir a responsabilidade dos meus atos. Já não sou uma criança pequena. Tenho 17 anos.

O Drake fez-me recordar. Abro a boca para lhes contar o que aconteceu, mas fecho-a logo a seguir. Não quero que saibam que beijei um rapaz na praia. Nesta casa, sou uma menina pequena. Seria errado beijar um rapaz.

Sabia bem o que estava a fazer. É a este facto que me agarro. Não foi muito bonito da minha parte, só que este beijo é meu e foi real. Ainda aqui está, na minha cabeça. Consigo lembrar-me

dele porque amo o Drake. Continuo a guardar a pedra no bolso, com a certeza de que se perder a pedra perco também a memória.

— Vou ligar a chaleira — digo-lhe.

— Obrigada, querida.

Coloco a chaleira no fogão e faço o chá, usando o bule manchado que temos desde que eu era pequena. Pouso-o em cima da mesa juntamente com a garrafa de plástico do leite que está no frigorífico e com as canecas favoritas de cada um de nós. Na porta do frigorífico está afixado um cartaz que mostra quais são as nossas canecas favoritas: está impresso numa folha A4 e tem os nomes por baixo. Imagino que terei sido eu a fazê-lo. Aparentemente, a minha caneca favorita é cor-de-rosa com bolinhas, é a caneca mais aborrecida do mundo. A da minha mãe diz A MELHOR MÃE DO MUNDO por cima de um desenho de uma senhora de avental e a do meu pai WILLIAM SHAKESPEARE e tem uma imagem de um homem com barba. Aposto que não são realmente as canecas favoritas deles, mas pego nelas na mesma.

Consego sentir as palavras da Paige dentro da minha mala. Não preciso de ir verificar para saber exatamente o que dizem. Ainda não. As palavras queimam o tecido da mala e cravam-se na minha pele.

— Flora — diz o meu pai, quando nos sentamos à mesa. É vulgar ser ele a começar uma conversa. — Escuta. Surgiu uma situação, e é um pouco difícil.

Tenho o meu caderno de apontamentos e uma caneta à minha frente. Também tenho o telemóvel, porque parece que vou precisar de me agarrar a alguma coisa.

A minha mãe está a segurar na caneca de chá com as duas mãos e não diz nada. Nem sequer sugeriu que comêssemos uma bolacha.

— Conheces o Jacob? — pergunta a minha mãe.

— Adoro o Jacob! O Jacob é o meu irmão. Onde está ele?

Sigo o olhar dos meus pais e olho para as fotografias na parede.

Vejo fotografias minhas, da minha mãe e do meu pai, coladas à parede com fita-cola. Ao lado delas, também há uma moldura com a fotografia de um rapaz. Os nossos nomes estão escritos por baixo das fotografias e na do rapaz diz «Jacob (irmão)».

Conheço o Jacob. Ele é a pessoa que mais amo no mundo. É mais velho do que eu. Ele costumava pegar em mim ao colo e andar comigo por todo o lado, deixava-me sentar ao colo dele para ver televisão e tenho uma memória bastante clara de me deixar pintar-lhe as unhas dos pés.

— Está em França — diz a minha mãe, falando rapidamente. — Sabes que o Jacob é mais velho do que tu. Sabes disso, não sabes? Ele tem 24 anos. Agora vive em França e não o vemos com muita frequência, mas ele ama-te muito. Mais do que a nós.

— Tem 24 anos? — Franço o sobrolho para a fotografia. O rapaz é magro e tem cabelo escuro e é bonito, de uma beleza de certa forma esquelética. Não parece nada ter 24 anos.

— Esta fotografia já é antiga — diz o meu pai. — Sim, ele agora tem 24 anos. Há algum tempo que não o vemos. — Olha atentamente para mim, para verificar o meu rosto e continua a falar. — Ele ligou-nos ontem e hoje de manhã ligaram-nos do hospital. Parece que o Jacob está muito doente. E temos de ir ter com ele, Flora.

Estou a tentar acompanhar a conversa.

— Se não o vemos há uma eternidade, como é que sabem que ele me ama? Eu sei que o amo, porque me lembro dele.

— Sabemos simplesmente — diz a minha mãe. — Mas essa não é a questão mais importante. Temos de ir visitá-lo ao hospital.

— Vamos a França? É por isso que está ali uma mala? Vamos sair de casa? Vamos ver o Jacob? — Nunca saí assim de casa. Não faço ideia de como será a França, a única imagem vaga que tenho é da Torre Eiffel.

— Não — diz o meu pai, enquanto a minha mãe bebe metade do chá de uma vez. Ela está stressada. — Tu não vais. Nós vamos,

mas tu precisas de ficar em casa. Este é o melhor lugar para ti. Ir a França seria demasiado para ti e temos de nos concentrar no Jacob. A viagem seria muito difícil e depois tinhas de te adaptar a um local novo. Ficas muito melhor aqui.

— Mas eu quero ver o Jacob! Quero ir convosco!

— Não tens passaporte — justifica a minha mãe. A voz dela está estranha. — Se ficares aqui, ficas em segurança. Falei com a Paige ontem, mesmo antes de saíres para a festa dela e ela vem cá para casa para ficar contigo. Já preparei o quarto de hóspedes. Ela vai cuidar de ti. Lembra-te que não podes ir bater à porta da vizinha se precisares de alguma coisa, porque ultimamente a Sra. Rowe anda mais confusa do que tu e só Deus sabe o que conseguiriam aprontar as duas juntas. Apoia-te na Paige e ficarás bem. Vamos deixar-te dinheiro. E vou encher o frigorífico com refeições pré-preparadas. Também não vamos ficar fora durante muito tempo. Vou enviar-te uma mensagem todos os dias, quando forem horas de tomares os comprimidos. Podes tomar um comprimido extra todas as noites, para te ajudar a dormir e para te acalmar. Sempre que te esqueceres de onde estás, a Paige vai dizer-te.

— Oh. — Penso nesta inesperada situação. A Paige não ficará cá em casa, não me vai dizer onde estou, porque a Paige não fala comigo, porque beijei o namorado dela. Ainda tenho a nossa conversa na cabeça, mas se não contar nada aos meus pais, posso ficar sozinha em casa.

Escrevo tudo o que eles me disseram e a seguir tiro uma fotografia da página com o telemóvel. O Jacob está doente e quero ir vê-lo, mas como não tenho passaporte, não posso ir. Se ficar sozinha em casa, posso passar o dia inteiro a pensar no Drake. Posso ficar sentada nesta casa a lembrar-me do nosso beijo. Posso ir a pé até à praia onde o beijo aconteceu sem que ninguém me pergunte onde vou. Tenho o beijo, que na minha memória é como uma ilha, e quero passar nela todo o tempo que puder, não vá essa memória desvanecer-se.

Esta ideia deixa-me entusiasmada.

— Quanto tempo vão estar fora?

Vejo que a minha mãe se descontraí ligeiramente.

— Temos reserva para cinco dias. Seja o que for que esteja a acontecer lá, podemos tratar de tudo e regressar dentro de cinco dias. Se algum de nós precisar de voltar a França, é isso que vamos fazer. Detesto deixar-te aqui assim, querida, mas desta vez tem mesmo de ser.

Assinto com a cabeça e bebo o meu chá também.

— Quando voltarem — digo —, podemos ir a Flambards?

A minha mãe recosta-se na cadeira, como se eu tivesse dito alguma coisa chocante. Fecha os olhos. O meu pai estende o braço e coloca a mão por cima da dela.

— Faremos algo divertido — responde ele. — Prometo.

Estou sentada à mesa na casa que conheço, com pessoas que se parecem com os meus pais, mas que são demasiado velhos. Olho para a mão: sou a Flora. E tenho de ser corajosa. Não sei o que está a acontecer nem o que as pessoas estão a dizer ou o que estava a fazer há um minuto.

O que sei é que beijei o Drake, numa praia. Ele pediu-me que passasse a noite com ele. Não sou uma menina pequena. As ondas quebravam-se sobre as rochas. Estava escuro e a luz da lua refletia-se no mar. Amo-o.

Levo a mão ao bolso de trás das calças de ganga e encontro a pedra mágica que me faz lembrar de tudo. Está lá. Não a tiro. Quero dizer aos meus pais que tenho uma memória e ainda chego a abrir a boca, mas depois decido que eles não devem saber que beijei um rapaz e volto a fechá-la.

Também tenho um folheto no bolso. Tiro-o e coloco-o em cima da mesa. O meu pai estende o braço e pega nele, a seguir coloca-o no lixo. Nem sequer vi o que dizia o folheto.

À minha frente está um pedaço de papel. Pego nele e começo a ler. Ninguém diz nada. A minha mãe tem o braço por cima dos meus ombros.

— Está tudo bem — diz ela. — Estás em casa. Acabámos de te dizer que temos de ir a Paris para ver o Jacob. Ele está muito doente e precisa de nós. Vais ficar aqui em casa durante alguns dias e a Paige vem fazer-te companhia.

O Jacob é o meu irmão. Adoro-o. E lembro-me dele. Ele sempre foi querido comigo quando eu era pequena. Agora está doente e os meus pais vão vê-lo. A Paige vem cá para casa para ficar comigo.

Vai ser maravilhoso.

— Tudo bem? — pergunta a minha mãe. — Já estás novamente a bordo? Então, amanhã saímos logo de manhã porque o voo para Paris sai de Exeter às 11h. Escreve isto ou, se quiseres, escrevo eu. Vamos de carro para o aeroporto. — Eles não gostam de conduzir, embora tenham um carro. Normalmente está na estrada atrás de casa, porque nunca o usamos. Não sei como sei disto, mas sei. A ocasião deve ser importante para os fazer levar o carro. — Pedi à Paige que venha cá para casa às 9h. Mas é melhor certificarmo-nos disso. Devias ligar-lhe agora. Ou então eu ligo, queres?

— Não, deixa lá — respondo. — Eu depois falo com ela. Vai ser ótimo tê-la cá em casa.

Beije o namorado da Paige. Não posso contar à Paige. Não posso contar à minha mãe.

— Promete que vais dando notícias.

— Sim — respondo. — Sim, prometo.

— Manda-nos mensagens — pede o meu pai. — Podemos não responder se estivermos no avião, mas é só porque eles nos obrigam a desligar os telemóveis.

— Ou então se não tivermos rede — acrescenta a minha mãe. — Mas já verifiquei a cobertura internacional de rede e os telemóveis devem funcionar perfeitamente em França. E voltamos a tempo do teu aniversário. Jamais o perderíamos. Mantém o telemóvel sempre carregado e verifica as mensagens.

Levanto-me, empurrando a cadeira para trás. Ela inclina-se demasiado e cai para trás, por isso tenho de fazer uma manobra estranha para a levantar e colocar novamente no sítio.

— Vou ficar bem — digo-lhes. — Claro que vou ficar bem. Fico perfeitamente bem aqui sozinha. Com a Paige. Até vai ser bom para mim. E vou ligar-lhe agora mesmo — acrescento. — Não se preocupem comigo. Eu e a Paige ficamos ótimas.

A minha mãe sorri.

— Claro que ficam, querida. Antes de irmos embora, vou deixar-te bilhetes por todo o lado, está bem? Sobre tudo. Se a Paige estiver aqui contigo, não preciso de me preocupar tanto.

— Preocupa-te com o Jacob — digo-lhe. — Não te preocupes comigo. O que se passa com ele?

— Não sabemos — responde o meu pai.

Quando ligo à Paige, ela não atende a chamada.

Na parede do meu quarto encontro outra fotografia do Jacob. O rapaz de que me recordo está de pé num jardim, com uma t-shirt que tem estampado ARIZONA GRAND CANYON STATE, e está de mão dada com uma menina pequena e loura, de vestido azul. De acordo com a legenda por baixo da foto, essa menina sou eu.

Nesta fotografia, estamos num jardim. É o jardim desta casa, mas na fotografia há um baloiço. Quem me dera que ainda houvesse um baloiço no jardim. Sou capaz de lhes pedir que me comprem um.

Tiro a fotografia da parede para a observar. Toco no rosto dele com a ponta do dedo. Este é o meu irmão. Este é o Jacob, só que

agora é mais velho e está doente. Viro a fotografia nas mãos e vejo que tem qualquer coisa escrita atrás. Não estava à espera de encontrar ali nada escrito.

«Liga-me. Amo-te» E a seguir uma série de algarismos.

Olho fixamente para os algarismos e a seguir volto a colocar a fotografia na parede.

A minha mãe passa o resto do dia a cozinhar, embora eu já devesse conseguir alimentar-me sozinha. Ela tem medo que me esqueça do forno ligado ou que faça de alguma forma com que o gás se espalhe pela casa toda, e a seguir acenda um fósforo. Guarda todas as comidas que vai fazendo em panelas e pratos tapados com papel de alumínio; depois coloca etiquetas em cada um deles com a data do dia em que eu e a Paige os devemos comer. Temos lasanha para o dia seguinte, caril para terça-feira, tarte de peixe para quarta, macarrão com queijo para quinta e pizza para sexta. No sábado, os meus pais já estarão em casa. O armário está cheio de pão e coisas para o rechear e a mãe está agora a fazer uma enorme panela de sopa para aquecer à hora de almoço.

Tento ligar à Paige, mas vejo que já lhe liguei cinco vezes. E ela não me responde. Depois, recebo uma mensagem dela:

Flora, para de me ligar. Não quero
falar contigo. Tu beijaste o meu namorado.
Deixa-me em paz.

Não conto aos meus pais.

Deixo-me perder na memória.

Amo tanto o Drake que ele fez com que o meu cérebro voltasse a funcionar. Estava sentada na praia. Vi as ondas. Ele apareceu e sentou-se ao meu lado. Disse que costumava sentar-se no bar e questionar-se se namorava com a rapariga errada. Disse que eu era

bonita e interessante. E eu consigo lembrar-me da nossa conversa. Agarro-me a ela. Consigo lembrar-me. Recordo-a na minha cabeça, palavra por palavra, uma e outra vez, e outra ainda.

Encontro os post-its amarelos da Paige na minha mala e, depois de os alinhar lado a lado uns dos outros, tiro-lhes uma fotografia, para me lembrar de que não devo telefonar-lhe. Não posso escrever nada no braço com o marcador grosso, como me apetece fazer, não enquanto os meus pais não se forem embora.

A noite chega finalmente e está tudo preparado. Os alimentos para os cinco dias estão alinhados. Os comprimidos guardados em pequenas caixas na cozinha, com o dia certo para cada um escrito nas caixas com letras maiúsculas. Os meus pais têm uma mala junto à porta e já verificaram e voltaram a verificar os passaportes. Não têm bilhetes porque marcaram a viagem pela Internet, mas sei que o voo para Paris sai de Exeter e vão sair de casa amanhã às 5h da manhã. Sei disto porque está escrito em bilhetes espalhados por toda a cozinha, pelo hall de entrada e sala de estar, e provavelmente por todas as outras divisões da casa. Os bilhetes dão-me direções para a cozinha.

A minha mãe pendura o avental, tira o elástico do cabelo e olha para mim com um sorriso forçado.

— Vamos dar uma volta até lá abaixo à praia, querida? — pergunta. — Acho que podemos estar a precisar de um pouco de ar frio da Cornualha. Gostava de lá ir, antes de partir.

Calço os sapatos, visto o impermeável e espero no alpendre, por entre a tralha que ali se foi acumulando (bolas de ténis, um taco de *cricket* que parece realmente velho; uma caixa de cartão cheia com os meus cadernos de exercícios da escola primária, a um canto.) Espero desesperadamente que não nos cruzemos com a Paige. Fico muito bem sozinha, mas sei que os meus pais jamais viajariam se descobrissem a verdade. Quero que eles vão ver o Jacob.

Quero ver como posso existir sozinha. Quero poder viver dentro da minha própria memória.

A porta atrás de mim está ligeiramente aberta e consigo ouvir os meus pais a conversar naquele tom de voz abafado que usam sempre que não querem que ouça o que estão a dizer. Sinto-me tentada a abrir um bocadinho a porta de dentro para ouvir como deve ser; mas, assim que dou um passo em direção à porta, ouço a minha mãe a dizer: «Não, é evidente que ela não faz a menor ideia, por isso vamos deixar as coisas como estão», e paro de imediato.

É evidente que eu não faço a menor ideia. Só que isto agora vai mudar, porque vou começar a lembrar-me de coisas. Há qualquer coisa que os meus pais estão a manter em segredo. Escrevo isto num bilhete e guardo-o no bolso. **M&P têm um segredo que não me contam.** Enquanto eles estiverem fora, posso procurar pela casa para tentar perceber o que é.

Afasto-me, saio do alpendre, entro no caminho do jardim e olho para o local onde tenho a certeza que antes havia um baloiço.

A minha mãe está atrás de mim, no alpendre, a respirar profundamente. Faço de conta que não sei que ela ali está; ela espera meio minuto, mais ou menos, e depois diz com a sua voz mais alegre:

— Flora! Certo. Vamos descer e ver o mar.

É evidente que ela não faz a menor ideia. Esta é a história de toda a minha vida, até conhecer o Drake.

— Sim — respondo, enquanto olho ao redor e hesito. Se lhe perguntasse acerca do que eu não faço a menor ideia, ela não me responderia, por isso, por agora deixo o assunto de lado. Mais tarde hei de perceber do que se trata.

— O que se passa com o Jacob? — pergunto.

— Não sabemos. — Acho que já lhe devo ter feito esta pergunta milhões de vezes, porque me parece aborrecida.

A minha mãe é mais baixa do que eu, mais larga e o cabelo escuro e frisado é completamente diferente do meu, que é

irritantemente deslavado, pálido e sem volume absolutamente nenhum. Consigo perceber como está preocupada com o Jacob e quero cuidar dela: ela cuida de mim e é assim que funcionamos.

O mar desenha um horizonte plano ao fundo da rua, mas em vez de irmos diretamente para lá, atravessamos os jardins em frente. São verdes e maravilhosos, são um lugar feliz que me envolve como um cobertor.

— Porque deixaste de o ver? — pergunto.

A minha mãe dá um salto e olha para mim.

— Deixei de ver quem? — questiona, embora saiba perfeitamente a quem me refiro.

— O meu irmão. — Procuo o nome dele. — O Jacob — acrescento.

— Oh, Flora — diz. — Foi uma situação complicada. E já foi há muito tempo. Ele era jovem, teimoso e julgava que tinha toda a razão. E depois... — A minha mãe desviou o olhar.

— Teve que ver comigo? — pergunto, certa de que teve. Há qualquer coisa no rosto dela.

— Oh. Não exatamente.

Afasta-se a grandes passos, a caminhar energicamente em direção aos portões do jardim, onde uma placa informa que «Fogo posto é crime». Sigo a minha mãe a trote. Sei bem que não devo fazer mais perguntas. Se ela me contasse alguma coisa, ia esquecer-me. O mais certo é já me ter contado um milhão de vezes. Deve ser muito chato viver comigo.

Atravessamos a estrada e debruçamo-nos no parapeito, a olhar para o mar. O ar está frio, mas o sol do fim do dia realça os detalhes de todas as coisas. Todas as pedras da praia têm a sua própria sombra. O mar brilha à nossa frente como se fosse um espelho e o céu está límpido e gélido.

Para a esquerda fica a piscina exterior. É muito bonita de ver, mas embora me lembre de ter lá tido aulas de natação quando era

pequena, não me atreveria a entrar nela agora. Para lá dela, há um castelo no meio da água que parece saído de um conto de fadas, e a terra que se estende atrás dele dá a ideia de que se encontra num mundo só seu, num porto fechado e seguro. É este o meu mundo: sempre foi este o meu mundo.

Para a direita a terra faz uma curva.

O Drake está muito longe, numa terra fria que queria conhecer desde os dez anos. O curso que está a tirar é dado em inglês, o que é bom, porque ele é uma nódoa a línguas.

Olho para a minha mão direita. *Flora, sê corajosa*, diz. Um dia vou fazer qualquer coisa. Um dia.

— Vou ter saudades tuas — afirma a minha mãe.

— Mas vais voltar? — Dou por mim a perguntar, embora não saiba bem porquê.

Sinto que está a olhar para mim, mas continuo a fitar o mar. O Drake e eu beijámo-nos perto daqui, um pouco mais abaixo e à esquerda. A maré estava alta. Aproximou-se muito de nós. Lembro-me da sensação dos lábios dele nos meus, do cheiro das algas marinhas. Naquele momento, sacrifiquei a minha amizade, e por muito vergonhoso que isto seja, voltaria a fazer tudo outra vez, uma centena de vezes seguidas. Levo a mão ao bolso das calças. A pedra ainda lá está.

— Claro que vamos voltar — diz a minha mãe. — Flora, olha para mim. — Obedeço lentamente, com relutância. A minha mãe está a olhar fixamente para os meus olhos e não consigo ler a sua expressão.

— Prometo-te que vamos voltar — diz, olhando intensamente para mim enquanto fala. — Vamos fazer o que precisamos de fazer e depois voltamos para casa. Está bem? Tu ficas aqui sossegadinha e nós voltamos. Não vás a lado nenhum. Não te ponhas com ideias.

Tento fazer uma piada.

— Quando voltarem para casa vou estar muito gorda. Nem me vão reconhecer. Com a comida toda que tenho para comer.

Quero que ela saiba que consigo lembrar-me da comida. Percebo que fica contente com isto.

— Sim. Certifica-te que comes mesmo. Tens de comer três vezes por dia, tomar os comprimidos de manhã e à noite e mandar-me mensagens a toda a hora.

— Claro que sim.

— Cuida bem de ti. *Não vás a lado nenhum.*

Olha intensamente para o meu rosto até eu desviar os olhos para o mar. Ficamos lado a lado a fitar o Atlântico. A única coisa em que consigo pensar é no Drake.

UM LIVRO SIMPLEMENTE INESQUECÍVEL,
QUE NOS FICA GRAVADO NA PELE E NA ALMA.

O MEU NOME É FLORA BANKS, TENHO 17 ANOS E TENHO AMNÉSIA.

Quando tinha dez anos, removeram-me um tumor do cérebro. Desde então, sou incapaz de me lembrar do que acontece no dia a dia. Não consigo criar novas recordações.

O MEU NOME É FLORA BANKS, TENHO 17 ANOS E TENHO AMNÉSIA.

A minha memória reinicia inúmeras vezes. Suspende-se e recomeça como se a desligassem da corrente sem aviso. Para me lembrar de quem sou e do que gosto, escrevo-o em papéis. Gravo-o até na minha própria pele.

O MEU NOME É FLORA BANKS, TENHO 17 ANOS E TENHO AMNÉSIA.

Esqueço tudo o que me acontece, exceto o momento em que beijei o Drake. Um beijo que pode ser a minha cura. Um beijo que está prestes a levar-me numa viagem arriscada e que mudará a minha vida para sempre. Será que estou preparada para tudo o que vou encontrar?

O MEU NOME É FLORA BANKS, TENHO 17 ANOS E TENHO AMNÉSIA,
MAS SOU MUITO CORAJOSA!

Um livro marcante!
Uma jornada emocionante que nos faz acreditar no impossível.

TOPSELLER os livros em primeiro lugar 20 20 editora	ISBN 978-989-8855-64-0  9 789898 855640 Literatura Traduzida
--	--